

AS CONCEPÇÕES BRENTANIANA E NEO-BRENTANIANA DOS OBJETOS DAS SENSAÇÕES

ARTHUR OCTAVIO DE MELO ARAÚJO

Abstract. The paper proposes an analysis of the Brentanian conception of the objects of sensations and a review of the neo-Brentanian literature on this theme. Starting from the Brentanian thesis that all mental phenomena are intentional, it intends to analyze if the objects of sensations would have the same intentional property. This is also an issue on the meaning and the home of the objects of sensations. From the analysis of the Brentanian thesis, in parallel, the paper seeks to identify the extent and the limit of a representationalist perspective in Philosophy of Mind. Finally, it indicates a form of adverbialism as a possible alternative to a representationalist view on the objects of sensations.

Keywords: Brentano; sensations; representation; mind.

1. Introdução

O filósofo austríaco Franz Brentano (1838–1917) marca uma referência no estudo contemporâneo da mente quando procura definir a ‘psicologia’ como domínio de estudo das atividades mentais a partir de ‘um ponto de vista empírico’: ‘My psychological standpoint is empirical; experience alone is my teacher’ [...] ‘psychology is the science which studies the properties and laws of the soul’ [...] ‘like the natural sciences, has its basis in perception and experience’ (Brentano [1874] 2005, p.xxvii; 5; p; 29).¹ Brentano evidencia o sentido filosófico moderno do termo ‘experiência’ e, ao mesmo tempo, determina o domínio da psicologia como estudo dos fenômenos mentais. É no interior da experiência que se revelará a ‘realidade psíquica’ (Benoist 2014, p.21).

Ao estudar as propriedades e o significado dos fenômenos mentais a partir da análise da experiência, afirmará Brentano que, como uma propriedade fundamental, os fenômenos mentais (crença, desejo, expectativa, medo, sensação, imaginação, etc.) são representações ou estão fundados sobre representações das experiências. Com efeito, Brentano retoma a noção lockeana de ‘sentido interno’ e define a experiência como percepção interna de um objeto. Além dos pressupostos empiristas, Brentano retoma também pressupostos racionalistas dos Séculos XVII e XVIII sobre o caráter representacional dos fenômenos mentais. Assim, por ‘representação’, entendem-se ‘os conteúdos mentais de pensamento e sensações percebidos na experiência imediata’ (Jacquette 2006, p.7). O estudo brentaniano da experiência, entendida como experiência interna, revela a estrutura representacional dos fenômenos mentais. Na

recente literatura neo-brentaniana, em particular, Brentano tem sido associado aos temas relacionados ao estudo da consciência: um fenômeno mental é um ato de representação ou auto-representação (Textor 2006).

Quanto ao método de estudos dos fenômenos mentais e a circunscrição do domínio da psicologia, Brentano define uma distinção precisa entre a 'psicologia descritiva' e a 'psicologia genética' (Benoist 20014, p.22): a primeira tem como objeto a fixação dos conceitos psicológicos e a segunda visa explicar a aparição, a sucessão dos conteúdos psíquicos e a relação com o corpo. Brentano adota a psicologia descritiva. Como um capítulo do desenvolvimento da corrente anglo-americana contemporânea (Araújo 2013, p.11, 13, 14), uma parte da Filosofia da Mente retomará o projeto brentaniano de definir as bases de uma concepção descritiva ou conceitual da mente. Assim, como uma forma de neo-empirismo brentaniano, na Filosofia da Mente, o que se procura compreender é o significado da estrutura representacional dos estados mentais (Araújo 2013, p.25). Este não é, inicialmente, um problema ontológico: o que são ou qual é a natureza dos estados mentais?² O problema consiste em compreender o significado da propriedade dos estados mentais de representar objetos ou estados de coisas no mundo. Entre perspectivas representacionais na Filosofia da Mente e Ciências Cognitivas, por exemplo, muitos autores, como Fodor (1981, p.26), defendem a necessidade da existência de representações mentais como condição do próprio sentido de mentalidade (Araújo 2013, p.136).

O artigo tematiza, portanto, a análise do representacionalismo brentaniano sobre os objetos das sensações. Por objetos das sensações, entendem-se os objetos das experiências fenomenais: aquele tipo de objeto que significa as qualidades, propriedades ou conteúdos de uma experiência fenomenal (ou *qualia* como, eventualmente, assim ele será designado ao longo do texto). O representacionalismo brentaniano talvez seja melhor situado como a circunscrição de um problema na Filosofia da Mente: os estados mentais são todos representacionais ou existe uma classe de estados mentais não-representacionais? Assim, por exemplo, os objetos das sensações são representacionais ou eles significam um caso de conteúdo mental não-representacional? De um ponto de vista brentaniano e neo-brentaniano, a resposta é afirmativa e, com efeito, exclui-se a concepção da existência de estados mentais não-representacionais. O problema é que os objetos das sensações são, a princípio, privados e acessíveis unicamente ao conhecimento de 1ª pessoa. Com efeito, os objetos das sensações não teriam uma propriedade representacional e nada se diria sobre sua significação além do próprio conhecimento de 1ª pessoa. As perspectivas brentaniana e neo-brentaniana têm como desafio, portanto, mostrar que os objetos das sensações podem ter uma significação representacional e além do conhecimento de 1ª pessoa.

A circunscrição do problema de caracterização dos objetos das sensações define um domínio na Filosofia da Mente como o estudo da propriedade representacional dos estados mentais. O que procurarei neste trabalho é, criticamente, analisar

a extensão e o limite da concepção brentiana dos objetos das sensações; e, paralelamente, como se constituem as bases de uma visão representacionista neo-brentiana na Filosofia da Mente (Chisholm 1956; Lycan 1997; Tye 1999; Crane 2003). Ao final do artigo, indico uma possível alternativa adverbialista ao representacionismo na Filosofia da Mente.

2. Representação, intencionalidade e fenômeno mental

Pode-se definir ‘representação mental’ como uma propriedade dos estados mentais: quando um estado mental tem alguma coisa como objeto, ele é uma representação ou significação desse objeto — assim, ‘os estados mentais representam coisas’ (Crane 2003, p.23).³ E em função dessa propriedade representacional, o estado mental é *sobre* alguma coisa, ou tem um ‘*aboutness*’ (ibidem, p.31), que, por consequência, define a propriedade da ‘intencionalidade’. Nota-se, portanto, que as propriedades de representação mental e intencionalidade estão intrinsecamente associadas: um estado mental é representacional porque tem alguma coisa como objeto e, ao mesmo tempo, é intencional porque é *sobre* alguma coisa.

Segundo Chisholm (1986 p.2), para Descartes e Brentano, os fenômenos mentais caracterizam três tipos: 1) Pensar ou ter idéias; 2) Julgar; e 3) Desejar ou sentir (Chisholm 1986, p.2). A ‘in-existência intencional’ de um fenômeno mental significa a referência a certo conteúdo ou direção a um objeto *dentro de si mesmo* (Brentano [1874] 2005 p.88).⁴ É importante compreender que objeto não significa a ‘coisa’. Por exemplo, um ‘objeto’ pode ser a referência ao sítio arqueológico da cidade de Tróia ou o monstro do Lago Ness. Assim, a ‘in-existência intencional’ é uma característica exclusiva ou traço distintivo dos fenômenos mentais e, portanto, fenômenos físicos são desprovidos dessa propriedade (Brentano [1874] 2005, p.89). E por ‘fenômeno físico’, Brentano ([1874] 2005 p.79–80) entende ‘a cor, uma figura, uma paisagem que vejo, um acorde que ouço, calor, frio, odor que sinto; assim como as imagens que aparecem na imaginação’. Na terminologia de Locke, comparativamente, os fenômenos físicos são designados ‘qualidades secundárias’.⁵ Assim, por ‘objetos das sensações’ não se entendem ‘coisas’ da experiência sensorial como, por exemplo, coisas coloridas, quentes, doloridas, prazerosas, etc., ou o que Brentano designa ‘fenômenos físicos’. Os objetos das sensações significariam também um tipo de inexistência intencional.

Com efeito, nos termos de Brentano ([1874] 2005, p.5, 78–9), um fenômeno mental é uma ‘idéia’ ou ‘representação’ (Vorstellung). Mas, ‘representação’ significa o ‘ato de representação’ e não o conteúdo do que é representado: o ato de ouvir um som, ver um objeto colorido, sentir calor, etc. são exemplos de fenômenos mentais. E exemplos de fenômenos físicos são uma cor, um som, um acorde, etc. Neste sentido,

pode-se compreender a implicação mútua entre as propriedades representacional e intencional dos fenômenos mentais: a propriedade representacional dos fenômenos mentais significa que alguma coisa é visada como referência a um objeto ou conteúdo. O que é importante compreender é que, portanto, os fenômenos mentais são representações ou atos de representações e de cuja propriedade representacional carecem os fenômenos físicos (Brentano [1874] 2005, p.89).⁶

Da concepção brentaniana de inexistência intencional de objeto, na Filosofia da Mente, comparativamente, derivam-se dois tipos de propriedade mental (Araújo 2013, p.55–6):

- I) Intencionalidade: propriedade de *ser sobre*, *referir-se a*, *dirigir-se a* objetos ou estado de coisas no mundo;
- II) *Qualia* (sing. *quale*): qualidades ou propriedades fenomenológicas, qualitativas ou subjetivas quando as coisas ‘parecem ser’ de certo modo na experiência (Lewis 1929) — a ‘vermelhidade’ (*redness*) ou a experiência imediata da cor ‘vermelho’, por exemplo, é um *quale*.

Os objetos das sensações significam as qualidades, propriedades ou conteúdos de uma experiência fenomenal ou, segundo o jargão da Filosofia da Mente, *qualia*: quando, por exemplo, alguém tem uma experiência sensorial de alguma coisa vermelha, como um tomate vermelho, esta é uma experiência fenomenal da cor ‘vermelho’ e tem como objeto a ‘vermelhidade’ (*redness*) do conteúdo da experiência. Em 1929 (Araújo 2013, p.57), Clarence Lewis, ex-aluno de William James e antigo professor de Roderick Chisholm, introduz o uso técnico do termo *qualia* (singular, *quale*) como referência ao objeto fenomenal de uma experiência:

Qualia are subjective; they have no names in ordinary discourse but are indicated by some circumlocution such as “looks like”; they are ineffable, since they might be different in two minds with no possibility of discovering that fact and no necessary inconvenience to our knowledge of objects or their properties. All that can be done to designate a quale is, so to speak, to locate it in experience . . . Such location does not touch the quale itself . . . What is essential for understanding and for communication is not the quale as such but that pattern of its stable relations in experience which is what is implicitly predicated when it is taken as the sign of an objective property (Lewis [1929] 1990, p.124).

What is not a “thing” or objective, in terms of our knowledge of the physical, may be something objective in the categories of psychology. Qualia as presentations of external reality and qualia as states of mind are quite different matters. In both cases, they are presentations of objects — quite different objects because the relational context into which the presentation is brought in being understood is quite different in the two cases. In the one case, they are

presentations of an external reality, a physical thing or property; in the other, they are presentations of a psychic reality, a mind ([1927] 1990, p.127).

Como assinala Lewis, não temos ‘nomes’ na linguagem comum para ‘*qualia*’. A palavra ‘vermelho’ pode significar uma propriedade de uma realidade exterior ou uma propriedade fenomenal da experiência. William James e Charles Peirce designavam ‘*qualia*’ as propriedades da sensação (Araújo 2013, p.57).

Como Lewis, Brentano ([1874] 2005, p.84) também reconhece que as propriedades dos fenômenos físico e mental, eventualmente, não têm dois nomes distintos ou são dadas a elas os mesmos nomes. Assim, o fenômeno físico que aparece ao um longo de uma experiência de dor é também chamado ‘dor’. Nestes casos, como veremos adiante, alguns filósofos propõem como um critério de distinção da significação de uma palavra (‘dor’, por exemplo) uma descrição intensional (com *s*). As descrições intensionais (com *s*) definiriam o domínio de significação intencional dos fenômenos mentais. Não se aplicaria aos fenômenos físicos o critério de descrição intensional (com *s*). De um ponto de vista representacionista neo-brentiano, como veremos, os estados intencionais têm uma ‘estrutura linguística fundamental’ (Tye 1999, p.97).⁷

A questão é, no entanto, se os objetos das sensações ou *qualia* são ou não intencionais: a ‘vermelhadade’ [redness] ou o objeto da experiência da cor ‘vermelha’ é intencional ou representacional? De um ponto de vista representacional brentiano e neo-brentiano, a resposta é afirmativa: os objetos das experiências fenomenais são também intencionais ou representacionais porque significam alguma coisa ou, no sentido brentiano, têm uma ‘inexistência intencional’.

Em termos gerais, quanto à distinção entre os dois significados de propriedade mental, atribuem-se a eles, respectivamente, intencionalidade e *qualia*: enquanto a intencionalidade corresponde a uma propriedade representacional, *qualia* são não-representacionais e, conseqüentemente, constituiriam um tipo de propriedade de estados mentais sem intencionalidade ou objeto intencional. Atribuem-se *qualia* às experiências fenomenais (sensações, percepções, sentimentos, emoções, etc.) e não a estados intencionais. Mas, exatamente, o problema é que *qualia* parecem refratários ao critério de representação intencional. O objeto da experiência de dor, por exemplo, não seria intencional porque ele não significa nada além de si mesmo. Do ponto de vista brentiano e neo-brentiano, no entanto, os estados mentais são todos intencionais ou representacionais, e inclusive são intencionais os objetos das experiências fenomenais ou *qualia*. Alguns comentadores de Brentano afirmam que ele teria sustentado uma combinação entre uma concepção representacionista da mente e os *qualia*.⁸

Um problema de difícil contorno é que usamos indistintamente os mesmos predicados para *qualia* e para propriedades dos objetos. Assim, por exemplo, a ‘redon-

didade' (*roundness*) de uma moeda não é um *quale*, mas, se olhamos a moeda diretamente, ela parece ser redonda na nossa experiência visual — *qualia* são melhor caracterizados como a característica qualitativa, fenomenal ou subjetiva das diferentes experiências, pontos de vista ou o modo como as coisas parecem ser. Quando igualmente comparamos *qualia* ('vermelhidade', 'sonoridade', etc.) com certas propriedades no mundo, estabelecemos relações e paralelos — os *qualia* 'vermelhidade' ou 'sonoridade' da experiência, por exemplo, têm relações e paralelos com eventos no mundo (objetos são vermelhos, sonoros, etc.) e, neste sentido, nosso acesso é indireto porque nos referimos a eles (*qualia*) na experiência. Nos termos de Lewis ([1929] 1990, p.60), *qualia* são propriedades subjetivas da experiência ou evento, i.é, são 'uma característica reconhecível do dado'.

A princípio, Lewis parece concordar com a teoria dos dados dos sentidos de que, na experiência imediata, algo é dado na própria experiência — na experiência visual do 'vermelho', a 'vermelhidade' é um dado na experiência e que se situa como uma realidade fenomenal do próprio mundo ou objeto. Mas, como muitos autores recentes parecem assinalar, a identificação entre *qualia* e os dados dos sentidos confundem as respectivas propriedades da experiência e do objeto. No sentido de Lewis, *qualia* são propriedades subjetivas e intrínsecas à própria experiência, enquanto, por outro lado, os dados dos sentidos são propriedades da experiência referentes ao mundo fenomenal. Assim, não parece ser controverso considerar que dados da experiência são dados dos sentidos e que *qualia* são propriedades da própria experiência. Como assinala Wilfrid Sellars ([1956] 2008, p.24) em sua crítica às Teorias dos Dados dos Sentidos, 'ser um dado dos sentidos, ou *sensum*, é uma propriedade relacional daquilo que é sentido' e *qualia*, ao contrário, são propriedades não-relacionais da experiência.

Assim, a partir da noção brentaniana de 'inexistência intencional' dos fenômenos mentais, duas correntes de pensamento desenvolveram o significado de 'intencionalidade' (Araújo 2013, p.40). Do lado da corrente fenomenológica husserlina, a intencionalidade é uma propriedade distintiva dos atos de consciência: 'consciência é consciência de' afirma o princípio husserliano da intencionalidade. Do lado da Filosofia da Mente, por oposição ao sentido fenomenológico continental, processa-se uma economia da noção de intencionalidade dos atos de consciência. A intencionalidade dos estados mentais significa uma propriedade dos próprios estados mentais de significar ou representar ou '*ser sobre*' ('*aboutness*') um objeto ou estados de coisas no mundo. Deste segundo ponto de vista, parte da Filosofia da Mente torna-se um estudo neo-brentaniano da diversidade da capacidade dos estados mentais de significar ou representar alguma coisa e sem implicar um 'sujeito da representação' (ibidem, p.14; 44).

De modo exemplar na Filosofia da Mente, sobre uma concepção representacionista nomeadamente neo-brentaniana da experiência fenomenal, destaca-se *Consciousness and Experience* de William Lycan (1997). Como o significado de 'experiência'

está associado à noção de consciência fenomenal (subjetividade, *qualia*, propriedade fenomenal, etc.), a princípio, ela não teria um conteúdo representacional ou intencional. No entanto, como Brentano,⁹ Lycan (1997 p.10; 13–4) retoma a noção lockeana de ‘sentido interior’ da experiência e procura mostrar que ela tem um conteúdo representacional. Lycan desenvolve uma versão (neo)brentaniana da experiência em termos representacionalista:

I am concerned to maintain a weak version of Brentano’s doctrine that the mental and the intentional are one and the same. Weak, because I am not sure that intentionality suffices for representation, but my claim is strong enough: the mind has no special properties that are not exhausted by its representational properties, along with or in combination with the functional organization of its components. It would follow that once representation itself is (eventually) understood, then not only consciousness in our present sense but subjectivity, *qualia*, “what it’s like”, and every other aspect of the mental will be explicable in terms of representation (Lycan 1997, p.11).

Lycan (1997 p.13–4; 15–6) nomeia sua abordagem da experiência fenomenal uma ‘teoria do sentido interno’ e interpreta o ‘sentido interno’ como um nível representacional de 2ª ordem. Nos termos de Lycan (1997 p.16), ‘sentido interno’ significa um ‘mecanismo de monitoramento interno’ ou uma representação de 2ª ordem da experiência. Nos termos de Brentano, como veremos, o objeto secundário de um fenômeno mental é uma atividade representacional relacionada a si mesma. Lycan acrescenta ao representacionalismo da tese de Brentano uma interpretação funcionalista da experiência fenomenal. Do ponto de vista funcionalista, a noção de representação interna de um estado é indissociável da própria condição da significação de mentalidade. Do ponto de vista de Lycan, comparativamente, o conteúdo fenomenal de uma experiência pode ser explicado em termos de representações funcionais dos estados internos de um sistema.

3. Brentano e o significado dos objetos das sensações

Por ‘sensação’ ou ‘ato de sentir’, Brentano ([1874] 2005, p.393) entende ‘percepção externa’. No entanto, segundo ele, é um equívoco conceder à percepção externa a designação de ‘percepção’: coisas físicas extensas não existem como são normalmente percebidas como, por exemplo, a percepção de cor ou som. As qualidades das sensações só podem ser percebidas como um tipo de existência particular na mente. Cor, som, odor, calor, etc., designados por Brentano ‘fenômenos físicos’ só podem ser percebidos internamente como conteúdo ou objeto de uma representação. E ainda de acordo com Brentano, o termo ‘percepção’ se aplica estritamente à ‘percepção interna’ como ‘consciência interna’: todos os fenômenos mentais são estados de consciência

ou consciência de alguma coisa como objeto ou conteúdo. Assim, de um lado, as percepções são uma forma de experiência intencional como consciência de alguma coisa (Brentano [1874] 2005, p.395); de outro, elas significam alguma coisa ou são referência a um objeto. Ao longo de sua obra, Brentano não parece ter abandonado sua tese inicial de que os fenômenos mentais têm todos inexistência intencional.

Se, no sentido de Brentano, entendemos ‘sensação’ como ‘percepção externa’, os objetos das sensações são aquilo que é percebido acerca das qualidades sensíveis e que, no entanto, estas qualidades não mostram existir realmente fora da mente: ‘[...] the phenomenon of so-called external perception cannot be proved true and real even by means of indirect demonstration [The] so-called external perception is not perception. Mental phenomenon, therefore, may be described as the only phenomenon of which perception in the strict sense of the word is possible’ (Brentano [1874] 2005, p.91). Por influência de Locke, Brentano entende que os objetos das sensações não parecem existir fora da mente (Brentano [1874] 2005, p.398). Não se diz que, por exemplo, percebem-se coisas coloridas porque elas não se mostram existir como se percebem casas, montanhas, árvores, etc.¹⁰ De igual modo, sobre os objetos dos sentidos, Hume (T, IV, II – *Of scepticism with regard to the senses*) sustenta também que não se pode provar a existência de uma realidade extra mental. Para Brentano, comparativamente, somente a inexistência intencional de um objeto se mostra realmente existir. Logo, os objetos das sensações têm igualmente uma existência intencional: ‘Sensation is not a simple presentation of something’ [...] Sensation is an intentional experience, just like any other form of consciousness (Brentano [1874] 2005, p.392; 396).

Mas, o significado dos objetos intencionais das sensações é um problema. Bertrand Russell ([1921] 2011, p.99) procura exatamente indicar o limite da tese brentaniana e afirma que ‘a sensação não é um estado intencional de consciência’:

In the first lecture we considered the view of Brentano, that “we may define psychical phenomena by saying that they are phenomena which intentionally contain an object.” We saw reasons to reject this view in general; we are now concerned to show that it must be rejected in the particular case of sensations. The kind of argument which formerly made me accept Brentano’s view in this case was exceedingly simple. When I see a patch of colour, it seemed to me that the colour is not psychical, but physical, while my seeing is not physical, but psychical.

Segundo Russell, pode-se afirmar que a sensação é um tipo de consciência fenomenal e, ao mesmo tempo, ela tem uma significação não-intencional. Aliás, este é também o ponto de vista não-intencionalista do filósofo escocês William Hamilton (1788–1856). Brentano comenta e destaca a concepção de Hamilton: certos sentimentos como o prazer e a dor, por exemplo, não parecem ter ‘inexistência intencional’. Eles não são nada além de uma ‘subjetivamente subjetividade’ e a consciência

não representa nada aparte de si mesma (Brentano [1874] 2005, p.89). Mas, ao contrário de Hamilton, Brentano afirma que os fenômenos de sentir têm alguma coisa como objeto e estão assentados sobre algum tipo de representação: nada poderia ser sentido sem uma representação do objeto que é sentido. Se nós temos um sentimento de dor, ele supõe uma representação do objeto da dor. Entre os casos de sensação de dor ou queimadura na pele, por exemplo, alguma parte do corpo é representada. No entanto, Brentano ([1874] 2005, p.90) admite que o objeto de um sentimento não está necessariamente localizado sobre um objeto externo. Ao contrário do adverbialismo de Hamilton,¹¹ o sentimento e o objeto não estão ‘fundidos em um’ (Brentano [1874] 2005, p.90): quando, por exemplo, alguém sente uma dor da perda de uma pessoa querida, o sentimento está no ato de sentir e não está localizado no objeto da dor. Brentano mantém a distinção ‘sujeito-objeto’ e, portanto, o sentimento não significa uma fusão entre ambos.

Resumindo a hipótese geral de Brentano, os fenômenos mentais são caracterizados pela ‘inexistência intencional’ como ‘referência a um conteúdo’, ‘direção a um objeto’ ou ‘objetividade imanente’: ‘todo fenômeno mental inclui alguma coisa dentro de si mesmo como objeto’ (Brentano [1874] 2005, p.88). Assim, alternativamente a Hamilton, Brentano assume que é fácil cair em erro quando não se admite que, por exemplo, a sensação ou o ato de sentir alguma coisa não está assentada sobre a representação intencional de um objeto:

We said that mental phenomenal are those phenomena which alone can be perceived in the strict sense of the word. We could just as well say that they are those phenomena which alone possess real existence as well as intentional existence. Knowledge, joy and desire really exist. Color, sound and warmth have only a phenomenal and intentional existence (Brentano [1874] 2005, p.92).

Mas, então, qual é o ‘domicílio’ dos objetos das sensações se eles não parecem existir fora da mente ou qual é o tipo de representação intencional sobre a qual estes objetos estão assentados? Aqui, me parece estar a dificuldade da concepção brentiana sobre os objetos das sensações.

Brentano afirma que os fenômenos mentais são atos de representação: julgar, querer, detestar, amar, etc., são coisas impossíveis sem uma apresentação subjacente. Assim, ele distingue entre objeto *primário* (por exemplo, a percepção/representação de som) e objeto *secundário* (por exemplo, a percepção/representação de ouvir ou representação da representação do som). O termo ‘som’ significa um conteúdo ou objeto primário que é distinto da representação do ato de ouvir. Por sua vez, a representação de ouvir constitui a si própria como seu conteúdo ou objeto secundário. De fato, o objeto secundário é uma atividade mental que tem a si mesma como conteúdo (Brentano [1874] 2005, p.121; 123; 128; 276). A matéria e a forma se distinguem

no fenômeno mental e a distinção entre elas equivale a um estado de consciência ou consciência de alguma coisa secundariamente relacionada a si mesmo. A distinção entre matéria e forma é conceitual (Brentano [1874] 2005, p.127) porque, de fato, um fenômeno mental é uma relação concreta entre duas representações (ou entre objetos primário e secundário). Embora seja conceitual, não parece ser clara a distinção concreta entre objetos primário e secundário.

Que tipo de coisa se supõe ser um objeto intencional se ele é inexistente ou está *dentro* do próprio fenômeno mental? A significação do objeto intencional é, afinal, um item ou extra-mental? Como assinala Bechtel (1988 p.42), à distinção entre pensamento e objeto intencional, respectivamente, corresponde o que Frege designa a distinção entre ‘referência’ e ‘sentido’ de uma expressão.¹² A partir da distinção fregeana entre sentido e referência de uma expressão, é o ‘sentido’ que indicaria o ‘objeto intencional’ brentaniano (Bechtel 1988, p.42–3). Mas, se se aceita a distinção fregeana entre sentido e referência de uma expressão, comparativamente, não se lhe aplica à distinção brentaniana entre objetos primário e secundário.¹³ Enquanto interessa a Frege o conteúdo objetivo do que é pensado, para Brentano, interessa o conteúdo do ato de pensar. O problema de Brentano é, portanto, definir precisamente a distinção entre pensamento e objeto intencional porque, por princípio, os fenômenos mentais são relacionais ou sobre alguma coisa. No entanto, a concepção brentaniana de objeto intencional parece indicar que ele não significa concretamente nada além do fenômeno mental. E o problema se agrava ainda quando se considera o significado dos objetos das sensações. Uma alternativa de superar a dificuldade de Brentano tem sido propor uma representação intensional (com s) dos enunciados sobre estados intencionais (com c).

Segundo uma perspectiva neo-brentaniano, a propriedade representacional dos estados mentais será derivada da propriedade representacional dos enunciados da linguagem. Neste sentido, os conteúdos mentais podem ser representados por conteúdos proposicionais: ‘a crença de que a terra é redonda’ pode ser traduzida ‘a crê p’ – ‘p’, como conteúdo proposicional, representa um conteúdo mental ou ‘a crê’.¹⁴ Mas, a questão é se os estados mentais podem ser todos representados por atitudes proposicionais como, por exemplo, são os casos dos objetos das sensações: estes são também representacionais? E qual seria a significação desses objetos mentais? De um ponto de vista brentaniano e neo-brentaniano, embora não possam ser representados por atitudes proposicionais, os objetos das sensações ainda teriam um significado representacional ou intencional (Tye 1999, p.99; 112; 118–9; Crane 2003, p.25). Mas, como assinala John Searle (1995 p.31), não se pode confundir intensionalidade (com s) e intencionalidade (com c). No segundo caso, a intencionalidade (com c) é uma propriedade mental. No primeiro caso, a intensionalidade (com s) ‘é uma propriedade de certa classe de sentenças, enunciados e outras entidades linguísticas. Diz-se que uma sentença é intensional (com s) quando não satisfaz certos

testes de extensionalidade, tais como substitubilidade de idênticos e a generalização existencial' (ibidem). Em Crane (2003, p.33–4), temos um bom exemplo de contexto intensional (com s):

- (a) 'Wladimir acredita que George Orwell escreveu Animal Farm' é verdadeira;
- (b) 'Wladimir acredita que Eric Arthur Blair escreveu Animal Farm' é falsa.

Embora George Orwell e Eric Arthur Blair signifiquem a mesma pessoa, a substituição de nomes entre eles é a marca da não-extensionalidade ou 'intensionalidade (com s). Nos casos dos verbos intensionais (com s), portanto, gera-se o fenômeno de 'opacidade referencial' (Araújo 2013, p.49; Zalta 1988, p.7). A intensão (com s) é, eventualmente, usada como sinônimo do 'sentido' fregeano.

Edward Zalta (1988 p.3) empreende uma importante análise intensional (com s) da estrutura dos estados intencionais (com c). Neste sentido, é importante notar que se um estado mental é uma representação de alguma coisa como objeto, por exemplo, o enunciado 'Wladimir acredita que George Orwell escreveu Animal Farm' é uma representação intensional (com s) da representação intencional (com c). Deriva-se da propriedade intensional (com s) dos enunciados da linguagem a propriedade intencional (com c) dos estados mentais. Assim, o estudo da mente torna-se uma 'entificação da linguagem' (Rorty 1997, p.7): a capacidade representacional dos termos mentais é derivada da capacidade representacional linguística de significar objetos e estados de coisa no mundo.

Zalta (1988 p.10) afirma que, no entanto, as representações intensionais (com s) não implica a metafísica de 'sensações', 'sentimentos não-dirigidos' [ou não-intencionais] e 'dores': 'Sensations, undirected feelings and pains are nothing about anything. No other object, state or event is essential to to their identity'. Assim, por exemplo, uma sensação de dor não precisa de nada além de si mesma para sua significação ou existência. Segundo Zalta, alternativamente, os objetos dos estados intencionais correspondem a entidades intensionais (com s) como proposições, propriedades e relações: 'The identity of a belief is essentially tied to the identity of the proposition believed [...] 'sentences that describe intentional states are intensional' (Zalta 1988, p.10; 13). Com efeito, as sentenças intensionais (com s) não representam eventos como sensações, sentimentos não-dirigidos e dores porque a identidade desses eventos não depende da representação intensional (com s) de proposições, propriedades e relações (Zalta 1988, p.12; 14). Logo, os objetos das sensações carecem da intenção (com c) como 'marca' do mental. Como veremos adiante, no entanto, é surpreendente notar que muitos filósofos (Tye 1999) afirmam que também eventos como sensações, sentimentos não-dirigidos e dores possam ter uma representação intensional (com s).

4. A interpretação intensional (com s) neo-brentaniana da intencionalidade (com c)

Como uma concepção neo-brentaniana da intencionalidade, não se pode negligenciar o trabalho de Roderick Chisholm em *Perceiving* (1957): trata-se exatamente da ‘interpretação linguística da tese brentaniana da intencionalidade’ (Bechtel 1988, p.44). A interpretação de Chisholm se desenvolve sobre a noção de ‘sentença intencional’. As sentenças não-compostas que mostram as três características descritas abaixo são intencionais (Chisholm 1957, p.170–1):

- (1) ‘Diógenes procurou por um homem’ é intencional: a afirmação ou a negação da sentença não implica que há ou não há algum homem honesto. Trata-se da noção brentaniana de inexistência intencional: o objeto intencional pode ou não existir.
- (2) ‘James acredita que há tigres na Índia’ é intencional: é a ‘cláusula proposicional’. A afirmação ou a negação da sentença não implica que há ou não há tigres na Índia.
- (3) A terceira característica envolve a noção de intensionalidade (com s) ou não-extensionalidade: ‘A maioria de nós sabia em 1944 que Eisenhower estava no comando; embora ele era (idêntico ao) o homem que sucedera Truman, não é verdade que sabíamos em 1944 que o homem que sucedera Truman estava no comando’.

A partir da interpretação linguística da intencionalidade, Chisholm procura superar as dificuldades conceituais geradas pela própria noção brentaniana de objeto intencional (Jacob 2004, p.108). Assim, ao mobilizar a análise dos enunciados de estados mentais, Chisholm evita o compromisso com uma possível ontologia dos objetos intencionais (Bechtel 1988, p.46).¹⁵ Aliás, como assinala Jacob (2004 p.113), sobre a significação dos objetos intencionais, precisamos ser cuidados e evitar ‘a tentação de reificação’. Ciente do risco da reificação e partindo da análise de sentenças e enunciados, Chisholm procura evidenciar o significado intensional (com s) que podem descrever o conteúdo intencional (com c) dos objetos mentais.

We may now re-express Brentano’s thesis — or a thesis resembling that of Brentano — by reference to intentional sentences. Let us say (1) that we do not need to use intentional sentences when we describe nonpsychological phenomena; we can express all of our beliefs about what is merely “physical” in sentences which are not intentional. But (2) when we wish to describe perceiving, assuming, believing, knowing, wanting, hoping, and other such attitudes, then either (a) we must use sentences which are intentional or (b) we must use terms we do not need to use when we describe nonpsychological phenomena (Chisholm 1957, p.172–3)

Como Brentano, é interessante notar que Chisholm define os domínios próprios entre os fenômenos psicológicos e físicos. E ainda nos termos da psicologia descritiva de Brentano, comparativamente, Chisholm visa fixar como objeto de análise o significado dos conceitos mentais e não a aparição dos conteúdos mentais e sua relação com o corpo ou o comportamento (Jacob 2004, p.122). Aliás, Chisholm (1957, p.173) assinala que a crítica a Brentano em termos de ‘comportamento linguístico’ parece insatisfatória. Neste caso, segundo Chisholm, a descrição de atitudes psicológicas supõe o uso de termos não-psicológicos: os termos mentais equivaleriam a certas ‘disposições’ ou ‘propensões’ de comportamento em função de um contexto determinado (ver Ryle [1949] 2005, p.209–10). O que Chisholm procura, portanto, é mostrar que a descrição ou a explicação de um fenômeno intencional não se reduz a um vocabulário não-intencional. E embora propondo uma interpretação linguística, Chisholm sustenta que a intencionalidade dos enunciados é entendida em termos de intencionalidade mental. Mas, o problema da interpretação linguística da intencionalidade é que os enunciados de experiências fenomenais como, por exemplo, ‘Jones sente dor’ não parecem cair sob a condição 2a da citação acima (Bechtel 1988, p.46).

De um modo indireto, Michal Tye (1999) procura atacar o problema da interpretação linguística da intencionalidade das experiências fenomenais. Também nos termos de uma concepção neo-brentiana da mente, Tye apresenta uma teoria representacional da experiência fenomenal: ‘All *states* that are phenomenally conscious — all *feelings* and experiences — have intentional content’ (Tye 1999, p.93). Tye retoma a concepção brentiana das sensações e da localização dos objetos das sensações no corpo. Como nos casos de queimadura na pele, por exemplo, nada poderia ser sentido sem uma representação do objeto que é sentido no corpo. Alguma parte do corpo é, então, representada.

O que me parece caracterizar uma distinção positiva da abordagem neo-brentiana de Tye é que ele procura desenvolver uma representação intensionalista (com *s*) do significado dos conteúdos fenomenais. Tye procura explicitar o significado intencional dos objetos das sensações em termos de representação intensional (com *s*). Dois exemplos aqui são ilustrativos da interpretação intensionalista (com *s*) de Tye sobre os objetos das sensações:

- 1) ‘Suppose, for example, that my leg has been anesthetized. In this case, I feel a pain in my finger, but not in my leg’;
- 2) [...] That there is a hidden intensionality in statements of pain location is confirmed by our talk of pains in phantom limbs. We allow it to be true on occasion that people are subject to pains in limbs that no longer exist [...] Again the context is intensional: specifically, you have a pain that represents that something is in your left leg [...] For there is an alternative (*de re*) reading of the context’ (Tye 1999, p.112).

Ambos os casos ilustram contextos intensionais (com s) porque os objetos das sensações representam alguma coisa no corpo, embora o que é representado não seja representado do mesmo modo. Assim, o contexto intensional (com s) se mostra porque, por exemplo, no primeiro caso, ‘dor na perna’ e ‘dor no dedo’ representam ‘dor’, embora as duas expressões não representem ‘dor’ do mesmo modo. No segundo caso, não se infere da sensação de dor que ela representa uma localização no corpo, embora a significação da sensação de dor represente a existência de um membro fantasma. Ambos os casos evidenciarão o chamado fenômeno da opacidade referencial dos contextos intensionais (s).

Para Tye (1999, p.116–7), com efeito, embora elas não sejam conceituais, as experiências sensoriais têm como conteúdo representacional modificações no corpo. Ele entende que podemos assumir as representações sensoriais a partir de um vocabulário físico de objetos e que, por exemplo, incluiria casos como os objetos das sensações de dor no corpo:

[...] the representations of bodily changes involved in orgasms are nonconceptual [...] Seeing-that is conceptual. Feeling an orgasm requires nonconceptual sensory experience of the pertinent bodily changes, not conceptual representation of the generic state. No belief about myself or my partner is necessary;

[...] There is nothing very strange or peculiar about the meaning of physical-object vocabulary, as it applies to pains or itches or afterimages [...] The contexts in which these terms are applied, however, are intensional [...] This intensionality is itself a reflection of the representational character of pains, itches, afterimages, and other phenomenal items (p.118–9).

Assim, apesar de um ‘vocabulário físico’ de mudanças no corpo, como Chisholm, Tye (1999, p.118) procura preservar a descrição intencional das experiências fenomenais. O que é importante compreender aqui é que, comparativamente ao sentido brentiano de inexistência intencional, para Tye, os objetos das sensações representam alguma coisa ou têm uma existência intencional, embora eles não sejam uma representação conceitual. Como nos membros fantasmas, por exemplo, uma sensação de dor não precisaria de nada além de si mesma para sua significação ou existência. Neste caso, seria evidente o fenômeno da opacidade referencial dos enunciados sobre membros fantasmas e afirmação de uma possível caracterização representacionista dos *qualia*. Logo, Tye pode sustentar uma interpretação intensionalista (com s) do conteúdo representacional das experiências sensoriais como forma de uma visão neo-brentiana da mente. Em resumo, concepções intensionalistas ou representacionistas da mente são neo-brentianas: os estados mentais são todos intencionais ou representacionais.

O problema da representação intensional (com s) é que ela evidencia uma característica linguística e não uma característica própria dos estados mentais e, em

particular, dos objetos das sensações. Segundo Searle (1985, p.31), como um estado intencional (com c) já é uma representação de alguma coisa, um enunciado intensional (com s) é uma representação da representação e, logo, ele não teria uma significação própria. Assim, se abdicamos da estratégia de representação linguística, torna-se forçoso encarar o desafio sobre o estatuto dos objetos intencionais (Bechtel 1988, p.47).

Mas, considerando-se ainda uma possível descrição intensional (com s) dos objetos das sensações, qual é, precisamente, a diferença entre ou ‘sentir dor’ e ‘dor’? O fenômeno de sentir dor não tem, a princípio, referencia a um objeto distinto ou está assentada sobre uma representação subjacente. Assim, ao contrário da interpretação intensionalista (com s) de Tye, cuja significação dos objetos das sensações é remetida ao enunciado da descrição do próprio objeto, a identidade do fenômeno de sentir dor não parece implicar nada além de si mesmo; logo, uma descrição intensional (com s) não significaria nada. Enquanto no caso da percepção do som, o fenômeno de ouvir está secundariamente relacionado a si mesmo, o fenômeno de sentir dor está intrinsecamente relacionado a si mesmo. E é neste segundo caso que, contrariamente a Brentano, é razoável considerar uma possível interpretação adverbialista dos objetos das sensações como experiência fenomenal. De fato, a percepção do som, como aparência fenomenal de uma experiência ou *qualia*, poderia ser modelada sobre a forma da consciência da dor: como dores não são distintas das próprias experiências ou são propriedades da experiência, assim também seriam os objetos das sensações como um conteúdo sonoro da experiência de ouvir.

Nos casos de dor, por exemplo, temos a qualidade ou a propriedade da experiência de sentir alguma coisa ou ter certos *qualia*. De fato, o caso paradigmático parece ser as ‘dores fantasmas’. Assumindo-se que *qualia* são propriedades da própria experiência, resta considerar se essas propriedades são relacionais, intencionais — não parece que dores fantasmas tenham propriedades relacionais ou intencionais porque o objeto da dor não existe simplesmente. Parece claro que dores fantasmas não são relacionais ou intencionais — uma experiência de dor fantasma não é representacional ou intencional porque não significa nada além de si mesma. Como veremos a seguir, alternativamente ao representacionalismo, uma concepção adverbialista afirma um duplo aspecto das propriedades da experiência de sentir e não uma relação entre duas realidades da própria experiência.

5. Adverbialismo e uma alternativa à visão representacionalista dos objetos das sensações: Chisholm e Sellars

O adverbialismo é, particularmente, apresentado por William James como crítica à noção de ‘inexistência intencional’ dos objetos mentais. Sem uma referência direta

a Brentano, James em *The tigers in India* ([1909] 2000, p.142–3) procurar mostrar que a intencionalidade dos estados mentais não implica as noções de ‘presença na ausência’, ‘auto-transcendência’ ou ‘inexistência intencional’. James deflaciona a relação de significação entre o estado mental e o objeto e afirma que a intencionalidade é uma propriedade da experiência ou está na experiência.

Such an experience as *blue*, as it is immediately given, can only be called by some such neutral name as that *phenomenon*. It does not come to us *immediately* as a relation between two realities, one mental and one physical. It is only when still thinking of it as the *same blue* ... that it doubles itself, so to speak, and develops in two directions; and, taken in connection with some associates, figures as a physical quality, whilst with others it figures as a feeling of mind (James *apud* Flanagan 1997, p.44)

Assim, segundo James, a significação de uma experiência é entendida como uma função de ajuste (e não como uma relação) entre conteúdo e objeto.

Segundo o adverbialismo contemporâneo, os enunciados sobre os objetos das sensações significam o modo de representar como alguém tem uma experiência. Como um caso paradigmático, as dores são propriedades da experiência de alguém e não uma relação diádica entre dois lugares (a experiência e o objeto). Podem-se identificar duas formas de adverbialismo. Uma primeira forma é o adverbialismo de evento; e uma segunda, é o adverbialismo de predicado (Tye 1999, p.74; Fish 2010, p.37). Considerando-se o enunciado ‘Jones senses redly’, temos duas possíveis significações:

- 1) O enunciado afirma a existência de um evento do qual Jones é o sujeito: adverbialismo de evento;
- 2) O predicado ‘redly’ tem a função de designar uma propriedade ao sujeito: adverbialismo de predicado.

Ambas as formas de adverbialismo têm a virtude de evitar o compromisso com a existência de objetos mentais ou um dualismo metafísico. Em particular, os enunciados sobre objetos das sensações representam o modo de significação ou a perspectiva da experiência. Assim, por exemplo, a experiência perceptiva não tem um significado relacional ou a forma diádica ato-objeto; aliás, a forma representacionista atribuída por Brentano aos objetos das sensações. Os adverbialistas afirmam que as qualidades sentidas da experiência são modificações da própria experiência. Se entendermos que os *qualia* significam propriedades da própria experiência, o caráter fenomenal e o caráter representacional coincidem e, com efeito, perde sentido a forma diádica ou representacionista ato-objeto. Entre os recentes debates na Filosofia da Mente, o adverbialismo motiva a defesa de um significado não-representacionista dos *qualia* na experiência.

Como William James,¹⁶ alguns filósofos procuram afirmar uma alternativa adverbialista ao representacionalismo e consistente com uma visão monista da experiência. Neste sentido, eles sustentam uma forma de adverbialismo de predicado como, por exemplo, Chisholm e Sellars (*pace* Tye 1999, p.77). Embora Chisholm e Sellars (Chisholm and Sellars 1957) mostrem claras divergências filosóficas e, em particular, sobre o significado da intencionalidade, é notável ver que eles desenvolvem concepções paralelas do adverbialismo mental como uma alternativa ao representacionalismo dos objetos das sensações.

Mas, antes de analisar o significado do adverbialismo e as respectivas alternativas ao representacionalismo dos objetos das sensações entre Chisholm e Sellars, me parece ser oportuno duas palavras sobre estes dois filósofos. A princípio, nada mais parece distante filosoficamente do que Chisholm e Sellars.

Primeiro, do ponto de vista epistemológico, Chisholm é um defensor do ‘fundacionalismo’: uma proposição que justifica a crença de uma pessoa é justificada por uma proposição básica que, por sua vez, não é justificada por nada além de si mesma. De seu lado, Sellars ([1956] 1997) ataca o fundacionalismo epistemológico em sua famosa crítica ao ‘mito do dado’: a justificação de uma proposição supõe um contexto de prática linguística (ver Rorty 1997, p.4). Segundo, sobre a intencionalidade, enquanto Chisholm compreende que a intencionalidade mental é mais básica do que a intencionalidade linguística, ao contrário, Sellars sustenta que a intencionalidade linguística é mais básica (Rorty 1997, p.7 – notas 7).

Os objetos das sensações talvez caracterizem o que, a partir de uma referência a Meinong, Chisholm em *The objects of sensation: a Brentano Study* (1989, p.3) designe ‘objeto sem domicílio’ (*homeless object*). No seu estudo da concepção brentiana dos objetos das sensações, destaca Chisholm:

The objects of sensation — that is to say, such things as sense-qualities, sense-data, or phenomena — continue to be what Meinong had called “homeless objects” (heimatlose Gegenstände) [...] I will try to show in this paper that Brentano’s final view about them tells us just what they are and what kind of a home they have (Chisholm 1989, p.3).

He [Brentano] subsequently made clear that, when he said that sense-qualities “do not exist”, what he meant was that truths ostensibly about sense-qualities are really truths about the self or person who senses those sense-qualities’ (ibidem, p.5)

De acordo com Chisholm, a concepção madura de Brentano sobre os objetos das sensações não aponta um problema ontológico acerca da natureza desses objetos e, no entanto, eles não parecem ter um domicílio preciso.

A partir de uma concepção adverbialista da experiência, e um adverbialismo de predicado, Chisholm (1989 p.5) fixa o que pode caracterizar o objeto da sensação:

[...] if we view the act of sensation *adverbially*. Instead of saying,
 S senses a sense-quality that is red
 where we seem to be expressing a dyadic relation between the subject S and
 a sense-quality, we may say,
 S senses (is appeared to) redly
 where we are ascribing a monadic property to the subject S

Embora o adverbialismo seja um modo de representar os objetos das sensações na experiência, o problema é que ele não parece ser uma alternativa satisfatória acerca do significado desses objetos compatível com a hipótese brentaniana de que os fenômenos mentais são todos intencionais. Se um fenômeno de sentir alguma coisa existe, de fato, o que existe é alguém que experencia que um fenômeno existe. Mas, de novo, se a experiência de sentir é uma apreensão de si mesma, como ‘*S senses (is appeared to) redly*’, no exemplo de Chisholm, então, o fenômeno de sentir não parece ter referência a um objeto distinto ou transcendente ou ele é, no mínimo, não-intencional. Neste ponto, o que já temos aqui, novamente, é a dificuldade da teoria brentaniana da referência mental entre o que é o ato de intencionar e o objeto intencional (Jacquette 2004, p.101–2).

Para Chisholm, no entanto, fixar uma representação adverbialista dos objetos das sensações garante que nada se afirma de uma existência objetiva fora da experiência de sentir, exceto que isso significa que alguém sente alguma coisa. Assim, segundo Chisholm (1989 p.5), Brentano poderia conceder aos objetos das sensações um ‘domicílio’. De novo, não me parece que o adverbialismo seja compatível com a tese brentaniana de que os fenômenos mentais são todos intencionais. Como assinala Chisholm, em termos adverbialistas, na experiência de sentir, atribui-se ao sujeito uma ‘propriedade monádica’. Uma propriedade monádica parece caracterizar a negação da tese brentaniana que supõe uma relação ou uma duplicação interna no fenômeno mental entre o ato de representar e o objeto representado. A tese brentaniana supõe uma relação diádica entre pensamento e objeto. Aliás, como vimos no início do artigo, é exatamente o caráter monádico dos fenômenos sensoriais que se torna o objeto da crítica de Brentano a Hamilton.

Considerando-se, portanto, uma representação adverbialista dos objetos das sensações, se afirmamos que um fenômeno de sentir existe, de fato, o que afirmamos é que alguém sente que alguma coisa existe. Neste caso, claro, trata-se de ver o fenômeno ‘*adverbialmente*’ (Chisholm 1989, p.5). De novo, não parece que o adverbialismo seja compatível com o representacionalismo brentaniano dos objetos das sensações. No entanto, o estudo de Chisholm sobre a concepção brentaniana dos objetos das sensações tem uma virtude particular: apresentar uma alternativa ao representacionalismo na Filosofia da Mente, compatível com uma visão monádica dos objetos das sensações e que se traduz como uma visão monista do significado da experiência (*pace* William James [1904] 2000).

Antes de apresentar a concepção adverbialista de Sellars, parece oportuno situar a crítica do que ele chama 'questão histórica' sobre a assimilação entre sensação e pensamento. Sellars destaca que, historicamente, entre autores distintos como Descartes e Locke, assimilaram-se igualmente as formas de sensações e pensamentos e ambas as formas teriam a mesma estrutura:

Yet there is no doubt but that *historically* the contexts "... sensation of ..." and "... impression of ..." were assimilated to such mentalistic contexts as "... believes ...", "... desires ...", "... chooses ..." in short to contexts which are either themselves 'propositional attitudes' or involve propositional attitudes in their analysis. This assimilation took the form of classifying sensations with *ideas* or *thoughts* (Sellars [1956] 1997, p.56)

De modo indireto, o que Sellars analisa é que sensações e pensamento ou ideia têm a mesma forma de representar ou ser intencional. Sensações e pensamentos são ambos assimilados a mesma forma porque, evidentemente, eles são sobre alguma coisa. Assim, por exemplo, 'pensar x', de um lado, e 'sentir x', de outro, teriam a mesma estrutura ou se poderia propor uma mesma análise proposicional destes casos. Mas, seria complicado mostrar que um objeto de sensação poderia ter uma representação proposicional. Segundo Sellars ([1956] 1997, p.55), de um lado, os verbos mentalísticos podem gerar contextos intensionais (com s), mas, de outro, alguns contextos mentalísticos não são intencionais (com c) e, portanto, não têm representação intensional (com s). Assim, o que Sellars assinala ser 'uma questão histórica', comparativamente, mostra os sinais da assimilação brentiana entre pensamento e sensação a uma mesma estrutura intencional. Mas, esta parece ser exatamente a dificuldade das concepções neo-brentianas da mente de mostrar que objetos de sensação são também intencionais. E além de uma dificuldade, o que se mostra evidente é exatamente a extensão e o limite do representacionalismo na Filosofia da Mente.

Poucos filósofos expressam tão vivamente o significado do empirismo na Filosofia da Mente como Sellars ([1956] 1997). Um empirismo que, alternativamente, mostra ser distinto da análise brentiana do sentido interno da experiência. No artigo *Sensa and sensing: reflection on the ontology of perception*, Sellars (1982) elabora o que ele chama uma 'ontologia da percepção' e apresenta o contraste entre dois pontos de vista em disputa representados por 'Jones' e 'Smith'. Dois personagens que já tinham protagonizado uma disputa anterior sobre a teoria dos dados sentidos (Sellars [1956] 1997). No artigo, Sellars (1982) empreende a defesa de uma visão adverbialista da experiência perceptiva e que, aqui, se pode traduzir como uma visão sobre os objetos das sensações.

Sellars (1982, p.90) apresenta Jones como proponente da visão clássica da teoria dos dados dos sentidos, enquanto Smith representa uma visão recente dos 'atos

de perceber sem objetos' [objectless sensings]. Jones e Smith partem do seguinte enunciado (ibidem, p. 91): '(1) P senses a red rectangle' [P percebe um retângulo vermelho].

Para Jones, o enunciado (1) tem a forma xVy :

where 'V' represents 'senses', which he informally classifies as a transitive verb, and where 'y' represents 'a red rectangle' which he construes as a straightforwardly referential expression' (ibidem, p.91).

Neste sentido, 'retângulo vermelho' [red rectangle] representa um tipo de objeto realmente existente na experiência ou um dado dos sentidos. Ter a percepção de um 'retângulo vermelho' é ter alguma coisa imediatamente dada na experiência como objeto ou, simplesmente, um dado dos sentidos. A teoria dos dados dos sentidos representaria uma visão alternativa ao representacionalismo entre ato de perceber e objeto percebido.

Alternativamente, Smith representa o enunciado (1) em 'P (a red rectangle) senses' [P (um retângulo vermelho) percebe] e concede a ele uma forma adverbial (ibidem, p.91-2): 'P Adv V' – 'Adv' representa 'retângulo vermelho', formulado como uma frase adverbial, e o verbo 'perceber' é intransitivo (sem complemento ou objeto). Neste caso, o que está em destaque é o próprio ato de perceber de P. Assim, como assinala Sellars, o ato de perceber de P não se refere a um objeto [objectless]: 'retângulo vermelho' [red rectangle] não significa o objeto do ato de perceber ou um dado dos sentidos, mas, significa uma propriedade do próprio ato. Deste ponto de vista adverbialista, o que está em questão é definir uma divisão dos conteúdos da experiência em distintos estados de perceber e que, portanto, exclui uma duplicação interna entre ato e objeto.

Diante do ato de perceber um retângulo vermelho, como descrito no enunciado (1) acima, o verbo 'perceber' [to sense] tem dois diferentes sentidos entre Jones e Smith (ibidem, p.102-3):

Jones	sensing →	x (senum) an S (red rectangle)
	awareness as a red rectangle	

Jones emprega o verbo 'perceber' para descrever o objeto da experiência [awareness] de 'alguma coisa *como* alguma coisa' ou 'senum'. Aqui, a descrição do verbo perceber visa destacar o objeto da experiência.

Alternativamente, para Smith, o verbo 'perceber' significa 'uma experiência [awareness] de alguma coisa *como* alguma coisa' e que não supõe um objeto da experiência ('objectless'). De novo, o verbo é intransitivo: ele representa a significação ou a perspectiva da experiência de alguém:

Smith sensing
 → x (a sensing) an S (red rectangle)ing
 awareness
 as a red rectangle

Entre os pontos de vista em disputa de Jones e Smith, Sellars destaca o que pode caracterizar uma ontologia da percepção. E afirmando uma visão adverbialista, trata-se de uma ontologia da percepção que destitui a noção de objeto e que restitui a significação das propriedades da própria experiência. Assim, os enunciados sobre objetos das sensações indicam o modo de significação ou perspectiva de uma experiência e sem uma representação ou duplicação interna do conteúdo mental. Deste ponto de vista adverbialista, o conteúdo da experiência indica distintos estados do ato de perceber e que, portanto, exclui uma duplicação interna entre ato e objeto.

Em resumo, a análise dos pontos de vista em disputa de Jones e Smith indica uma alternativa crítica de lidar com o problema da significação dos objetos das sensações além de uma perspectiva representacionista. E entre ambas, Sellars destaca a defesa do adverbialismo de Smith e, então, indica uma alternativa de situar a significação ou o domicílio dos objetos das sensações. Desta alternativa adverbialista, portanto, pode-se compreender a extensão e o limite do representacionismo brentaniano e neo-brentaniano na Filosofia da Mente.

Agradecimentos

Este trabalho é parte do resultado de uma pesquisa realizada na École Normale Supérieure (Paris), entre os meses de abril, maio e junho de 2014, em colaboração com o Prof. Mathias Girel, sobre as concepções tradicionais de representação mental e de intencionalidade.

Referências

- Araújo, A. 2013. *O que é mente? Uma jornada filosófica*. Curitiba: Editora CRV.
- Bechtel, W. 1988. *Philosophy of Mind: An overview for Cognitive Science*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Benoist, J. 2014. Une psychologie sans expérience ? In: Charles-Édouard Nivelau (ed.) *Vers une Philosophie Scientifique - Le programme de Brentano*. Paris: Éditions Demopolis.
- Brentano, F. 2005. *Psychology from an empirical point of view*. Translation by Antos C. Rancurello, D. B. Terrell and Linda McAlister. New York: Routledge.
- Chisholm, R. 1957. *Perceiving: a Philosophical Study*. Cornell: Cornell University Press.
- . 1986. *Brentano and intrinsic value*. Cambridge: Cambridge University Press.
- and Sellars, W. 1957. Intentionality and the Mental: Chisholm-Sellars Correspondence on Intentionality. In: H. Feigl, M. Scriven and G. Maxwell (eds.) *Minnesota Studies in the Philosophy of Science, Vol. II*. University of Minnesota Press, pp.521–539.

- Crane, T. 2003. *The Mechanical Mind: A philosophical introduction to minds, machines and mental representation*. New York: Routledge.
- Fish, W. 2010. *Philosophy of Perception*. New York: Routledge.
- Flanagan, O. 1997. Consciousness as a pragmatist views it. In: Ruth A. Putnam (ed.) *Cambridge Companion to William James*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Fodor, J. 1975. *The Language of Thought*. New York: Thomas Crowell.
- . 1981. *Representations*. Cambridge: The MIT Press.
- Hume, D. 1934. *A Treatise of Human Nature* (T). London: The Temple Press.
- Jacob, P. 2004. *L'intentionnalité: Problèmes de Philosophie de l'Esprit*. Paris: Odile Jacob.
- Jacquette, D. 2004. Brentano's conception of intentionality. In: Dale Jacquette (ed.) *The Cambridge Companion to Brentano*. Cambridge: Cambridge University Press.
- James, W. 2000. *Pragmatism and other writings*. New York: Penguin Books.
- Lewis, C. 1990. *Mind and the World Order*. New York: Dover Publication.
- Lycan, W. 1997. *Consciousness and Experience*. Massachusetts: MIT Press.
- Mulligan, K. 2004. Brentano on the mind. In: Dale Jacquette (ed.) *The Cambridge Companion to Brentano*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Rorty, R. 1997. Introduction. In: Sellars, W. *Empiricism and The Philosophy of Mind*. Massachusetts: Harvard University Press.
- Russell, B. 2001. *The analysis of mind*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University.
- Ryle, G. 2005. *La notion d'esprit*. Traduction de S. Stern-Gillet. Paris: Payot.
- Searle, J. 1995. *Intencionalidade*. Tradução de Júlio Fisher e Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes.
- Sellars, W. 1997. *Empiricism and The Philosophy of Mind*. Massachusetts: Harvard University Press.
- . 1982. Sensa and sensigs: reflectons on the ontology of perception. *Philosophical Studies* 41: 83–111.
- Textor, M. 2006. Brentano (and Some Neo-Brentanians) on Inner Consciousness. *Dialectica* 60(4): 411–32.
- Tye, M. 1996. *Ten Problems of Consciousness: A Representational Theory of the Phenomenal Mind*. Cambridge: A Bradford Book/The MIT Press.
- Zalta, E. N. 1988. *Intensional Logic and The Metaphysics of Intentionality*. Cambridge MA: The MIT Press.

ARTHUR OCTAVIO DE MELO ARAÚJO
 Departamento de Filosofia
 Programa de Pós-Graduação em Filosofia
 UFES
 aart037@gmail.com

Resumo. O artigo propõe uma análise da concepção brentaniana dos objetos das sensações e uma revisão da literatura neo-brentaniana sobre este tema. Partindo da tese brentaniana de que os fenômenos mentais são todos intencionais, procura-se analisar se também os objetos das sensações teriam a mesma propriedade intencional. Esta é também uma questão sobre a significação e o 'domicílio' dos objetos das sensações. Da análise da tese brentaniana, paralelamente, procura-se identificar a extensão e o limite de uma perspectiva representacionista

neo-brentiana na Filosofia da Mente. Finalmente, o artigo indica uma forma de adverbialismo como uma possível alternativa a uma visão representacionista sobre os objetos das sensações.

Palavras-chave: Brentano; sensações; representação; mente.

Notas

¹ Brentano's writings on the philosophy of mind or descriptive psychology have a number of distinctive features, all of which are connected with his understanding of what apart of theoretical philosophy is and ought to be, with his understanding of the relation between the philosophy of mind and experimental psychology, and with the success and thoroughness of his contribution to philosophy (Mulligan 2006, p.66). Entre as pesquisas em Ciências Cognitivas, por exemplo, muitas teorias procuram implementar empiricamente sistemas cognitivos a partir da construção de modelos de representação mental (ou Teorias Computacionais da Mente): "The "language of thought" (Fodor 1975) hypothesis is an empirical hypothesis about how mental states are actually structured' (Tye 1999, p.97).

² Do lado das tendências materialistas na filosofia da mente, ao contrário, o problema é ontológico: as propriedades mentais podem ser representadas ou reduzidas a propriedades físicas.

³ Crane (2003, p.23) usa o termo 'pensamento' como referência à propriedade representacional dos estados mentais.

⁴ 'Inexistência' significa a referência a objeto ou conteúdo e não a negação da existência de alguma coisa. Uma 'inexistência' é alguma coisa que existe na mente como referência a um objeto ou conteúdo.

⁵ The intentionality of mind is unequivocally an empirical discovery for Brentano. Empiricism for Brentano is not merely a matter of external sensory perception. He believes that it is equally legitimate to inquire empirically by means of inner perception, when thought examines thought in order to discern its nature. He not only identifies intentionality as the distinctive mark of the mental, but makes intentionality the foundation for an empirical scientific philosophy of mind that far surpasses anything that had previously been contemplated by Aristotle, the medieval thinkers, or Reid (Jacquette 2006, p.100).

⁶ It cannot be overemphasized that Brentano sought to develop the philosophy of mind on empirical grounds, adapting scientific methods to the study of subjective phenomena. From a strictly empirical point of view, it may appear unnecessary and perhaps even unintelligible to ask whether intentional objects transcend or actually exist beyond or outside of experience. Brentano's main purpose in resurrecting the Scholastic immanence or intentional in-existence thesis was to pin down his subject matter in Aristotelian fashion, articulating a criterion to distinguish the mental or psychological from the nonmental and nonpsychological. With this limited end in view, he may have judged it unnecessary, if not unscientific, to trespass beyond the confines of his strictly empirical discipline into speculative metaphysics (Jacquette 2006, p.122).

⁷ Deriva-se da propriedade intensional (com s) dos enunciados da linguagem o caráter representacional dos estados mentais. Veremos adiante como se constitui a representação intensional (com s) dos estados intencionais (com c).

⁸ Thus Brentano's account of mind combines two now popular claims. The mind is representational and its intentionality is *de se*. Every psychological phenomenon represents according to Brentano's account of inner perception, either itself or something else. Thus Brentano combines the view that there are very many distinct qualia, for example the distinctive hues of different emotions, with representationalism. On his early view, every mental phenomenon contains a representation or presentation of itself. On his later view, every sufferer and lover, for example, is an internal presenter of himself (Mulligan 2006, p.92).

⁹ 'Just as we call the perception of a mental activity which is actually presented in us *inner perception*, we here call consciousness which is directed upon it *inner consciousness*' (Brentano [1874] 2005, p.101).

¹⁰ The phenomenology of sensation as a play of appearances is all that the strict empiricist can consider knowable; belief in the existence of a corresponding external reality or "body," as Hume says, beyond the phenomena can only be conjectural, however psychologically compelling (Jacquette 2006, p.7).

¹¹ A parte final do artigo será dedicada a uma análise detalhada do 'adverbialismo' como uma alternativa ao representacionalismo na Filosofia da Mente. No momento, é suficiente compreender o significado geral do adverbialismo: 'Adverbialists reject the need to appeal to the objects of acts of sensing to explain *what it is like* for the subject, appealing instead to ways of sensing [...] 'According to adverbialism, then, what it is like for me is a matter not of the *object* sensed (as there may not be an object) but rather of the *way* I sense' (Fish 2010, p.34, 37).

¹² Enquanto a referência indica o objeto denominado na expressão, o sentido constitui o modo de apresentação. No célebre exemplo de Frege, 'Vênus' e 'estrela da manhã' têm a mesma referência e sentidos diferentes.

¹³ Brentano mostra ter tido preocupação com a distinção entre conteúdo e objeto dos atos mentais e a dificuldade de lidar com a ontologia dos objetos não-intencionais. A partir de 1905, ele afirma que apenas 'indivíduos' podem ser objeto de estados mentais. Este é o conhecido 'reísmo' de Brentano.

¹⁴ 'A análise da estrutura das proposições e das atitudes proposicionais torna-se um modo eficiente de caracterizar o conteúdo intencional ou representacional dos estados mentais' (Araújo 2013, p.44).

¹⁵ Na interpretação da teoria brentaniana, Chisholm evita o compromisso com uma ontologia dos objetos intencionais. É relevante assinalar aqui que muitos comentadores de Brentano sustentam uma interpretação similar.

¹⁶ Segundo o adverbialismo de James ([1909] 2000, p. 144): '[...] the paper seen and the seeing of it are only two names for one indivisible fact which, properly named, is *the datum, the phenomenon, or the experience*'.